# O OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

| Preços da assignatura | Anno — 36 n.os | Semest. — 18. n.os | Trim. — 9 n.os | N.º á entrega |
|---|---|---|---|---|
| Portugal (franco de porte, moeda forte) | 3$800 | 1$900 | $950 | $120 |
| Possessões ultramarinas (idem) ..... | 4$000 | 2$000 | -$- | -$- |
| Estrangeiro (união geral dos correios) . | 5$000 | 2$500 | -$- | -$- |

7.º ANNO—VOLUME VII—N.º 186

21 DE FEVEREIRO 1884

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

LISBOA. RUA DO LORETO, ENTRADA PELA RUA DAS CHAGAS, 42

Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empreza.


## CHRONICA OCCIDENTAL

Um facto tristissimo acaba de cobrir de luto, mais uma vez, o partido progressista, esse partido que ha annos tem sido tão dolorosamente cerceado pela morte!

O dr. Pires de Lima, antigo vigario capitular de Aveiro, par do reino, e não só uma das primeiras intelligencias da Granja, mas tambem uma das mais notaveis capacidades do nosso paiz, suicidou-se com um tiro de rewolver, no 11 dia do corrente no cemiterio dos Prazeres.

Esta noticia causou profunda consternação e surpreza em toda a cidade.

Os amigos intimos do illustre sacerdote conheciam, ha mezes, o estado lastimoso das faculdades intellectuaes d'aquelle cerebro previlegiado, onde ultimamente, culpa de uma extranha doença physica, ou de um profundo desgosto moral, a luz da intelligencia e as trevas da loucura feriam rude e permanente combate.

A loucura venceu n'essa batalha tenebrosa, e com ella venceu a morte!

Sobre a cova do sacro suicida, bordaram-se logo varias lendas extranhas, versões diverssissimas que correram por toda a cidade e echoaram mesmo em alguns jornaes, com toda a actividade escrupulosa, de que o escandalo dispõe, para alastrar os boatos que a podem servir.

A verdade, porém, não se descriminou ainda entre essa extensa collecção de historias, nem facilmente descriminará.

O que levou o padre Pires de Lima, um sacerdote que era pela sua illustração, uma das glorias do clero, um homem, que era pela sua intelligencia uma das glorias do paiz, a esmigalhar assim a vida na trivialidade cobarde e criminosa do suicidio?

Ninguem o sabe ao certo!

Foi a desorganisação das suas faculdades mentaes produzida pelo abuso de umas aguas mineraes quaesquer, de que fizera excessivo uso para a cura de uma doença de rins? Foi o desgosto, o desespero originado por uma catastrophe intima na sua vida de homem? Foi a impressão moral, o mal do contagio, que no seu cerebro occasionou a noticia do suicidio do seu amigo o dr. Filippe Simões?

Ignora-se: o que se sabe é que Pires de Lima morreu e que essa morte foi uma perda nacional.

A morte do illustre parlamentar trouxe comsigo, novamente para a imprensa, a questão nas noticias de suicidio.

O accordo feito entre todos os jornaes, para se guardar o mais profundo silencio sobre os suicidios, durou pouco tempo.

Quando se suicidou o dr. Filippe Simões, rompeu-se abertamente, e no fim de contas, mais valeu esse rompimento, do que a maneira extraordinariamente comica, como a bisbilhotice indigena sophismava o accordo feito.

Dias depois de celebrado esse contracto, cuja honrosa e humanitaria iniciativa coube ao *Correio da Noite*, as noticias de suicidio começaram a apparecer da mesma maneira, mas encobertas debaixo de uns rodeios muito burlescos, que no fim de tudo as desmascaravam completamente.

Um jornal chegou a dar noticia de um homem que se enforcára, pela seguinte fórma:

«O sr. fulano de tal, appareceu hontem morto, na sua casa. Encontrou-se-lhe uma corda enrolada ao pescoço. Evidentemente morreu de desgosto.»

Isto é perfeitamente authentico, por mais inverosimil que pareça.

Ora desde o momento que o accordo era assim respeitado quotidianamente, a humanidade nada teve a perder com o seu rompimento, que em compensação prestou relevantes serviços ao bom senso.

E depois de quebrado o contracto, o suicidio do sr. duotor Pires de Lima succedeu-se ao do sr. doutor Filippe Simões, e em circumstancias muito similhantes.

Póde muito bem ser que a noticia do suicidio do illustre profesor da Universidade, dada com todos os seus tristes pormenores não influisse coisa alguma no lugubre epilogo da vida de Pires de Lima. Mas póde ter influido, e d'ahi uma responsabilidade grave sobre os propaladores d'essas lugubres e contagio sas noticias.

No dia em que referiu á morte do seu illustre collega e correligionario, o *Correio da Noite* fazia novamente um eloquente appello á imprensa de Lisboa para se tornar a pôr de pé o accordo quebrado.

Oxalá que isso se realise, e com mais duração, e com mais rigor do que até aqui. Todos ganham com isso e só os bisbilhoteiros perdem o prazer de saborear de vez em quando essas lugubres noticias.

DR. AUGUSTO FILIPPE SIMÕES — FALLECIDO EM 1 DO CORRENTE

(Segundo uma photographia de Rocchini)

Regressou do Brazil onde esteve cinco mezes o nosso bom amigo e distincto collega o sr. Jayme Victor, que alli fôra fazer propaganda da grande edição manuscripta dos *Lusiadas*, de que é um dos directores.

Jayme Victor teve um completo successo em todo o Brazil, como homem de lettras e como editor.

Traz de lá muitos applausos e muitas assignaturas, e recebeu de todos os brazileiros e portuguezes o acolhimento sympathico que nós aqui lhe presagiámos quando elle partiu e que o Brazil nunca recusa ao talento e á honradez.

Vem cheio de gratidão e de saudade, Jayme Victor, e nós felicitamol-o pelo seu regresso, felizes de o vermos outra vez entre nós, a acompanhar-nos n'estes trabalhos quotidianos da imprensa, em que o seu talento tanto se tem distinguido.

Finalmente o theatro de D. Maria deu-nos um espectaculo portuguez, e com um brilho, e com um fulgor, dignos de um paiz onde a litteratura dramatica seja das mais ricas e florescentes.

120

A noite de 9 de fevereiro marcára no theatro portuguez, uma das suas mais brilhantes glorias.

Tres peças originaes, todas tres em verso, e todas tres com um successo enorme e merecido.

A primeira d'essas tres peças era uma estreia. Chama-se a *Noiva* e é um drama n'um acto, qu pôz de repente o seu auctor, ainda hontem um desconhecido, entre os dramaturgos mais laureados da nossa terra.

Tem versos esplendidos essa peça, tem interesse dramatico, condensa bem em meia duzia de scenas uma acção que podia dar uma peça de quatro ou cinco actos, mas o que sobre tudo lhe deu o *successo*, o que mostrou que o *debutante* era um auctor dramatico a valer, foi uma situação, uma situação de mestre, que em qualquer das peças mais notaveis dos grandes dramaturgos contemporaneos seria uma situação de primeira ordem.

Contei já algures a peça do sr. Lopes de Mendonça — o auctor da *Noiva*, é sobrinho do grande e mallogrado folhetinista, de que tem o appellido — e não irei aqui reeditar essa narrativa.

Demais, a peça em si não apresenta novidade alguma, é um drama de adulterio, como o theatro e o romance tem reproduzido aos milhares, mais ou menos bem combinados, enredados, e resolvidos.

Limitar-me-hei a contar a situação, que é realmente nova, original e esplendidamente achada, *une trouvaille*.

Por umas circumstancias quaesquer que o auctor não explica, e que mesmo aqui não importa saber, um rapaz honesto e bom, é amante da mulher do seu amigo e protector. Para não revelar o segredo da sua traição, esse rapaz sendo apanhado pelo marido no jardim, e tendo que explicar a sua presença alli, diz-lhe que ama a filha da mulher que é sua amante.

O casamento vai-se fazer: a *noiva*, uma creança ingenua, alegre, e boa, ama o *noivo* com todo o seu enthusiasmo de donzella; mas querendo vingar-se d'elle a ter feito esperar um momento sósinha n'uma sala, pega n'uma carta que encontra no chão para lhe metter ciumes. O noivo vem, e para lhe lisongear o seu capricho de pequena mulher que quer ser amada com zelos, quer vêr a carta. Ella recusa-a representando a sua comedia de arrufos, elle insiste e n'isto entra alegremente o pae, informa-se do que se passa, e vae, a rir, terminar a contenda. Elle é que lê a carta. Abre-a, começa a lêr, e ás primeiras palavras o *noivo* estremece horrorisado. É uma das cartas que a sua amante a mãe da sua noiva, a mulher d'aquelle que a está lendo, lhe escrevera nos tempos enthusiasticos da sua criminosa paixão ardente, carta, que elle n'esse mesmo dia lhe restituira com todas as mais e ella perdera.

O marido começa a lêr, comprehende tudo, e n'um momento o futuro, a vida, a felicidade d'aquellas tres creaturas momentos antes tão venturosas e alegres ficam despedaçados para sempre.

É ou não uma situação profundamente dramatica e theatral? Até se chegar a ella a peça ouve-se com agrado, alguns versos esplendidos eram notados com louvores, mas era apenas um drama vulgar dialogado em versos bonitos: veiu a situação o publico ficou vigorosamente *empoigné*, o auctor dramatico revelara-se com toda a pujança de um talento prodigiosamente dotado para o theatro.

O desempenho da *Noiva*, foi muito bom, sendo realmente primoroso o de Brazão e Rosa Damasceno.

As *Nadadoras* de Fernando Caldeira, que se seguiram á *Noiva* tiveram um *successo* louco, *successo* realçado pelo perigo enorme do exito da *Mantilha de renda*, porque é uma verdade indiscutivel em theatro que os *successos* passados de um auctor tornam mais difficies os seus *successos* futuros, e pelo risco de ser representado sobre um triumpho colossal, como o que obtivera a *Noiva*.

As *Nadadoras* são uma comedia galante inarravel, em que os bons versos, os ditos de espirito, as situações comicas, e amorosas se succedem, n'um deslumbramento de bom humor e de fina verve. O desempenho das *Nadadoras*, foi primoroso, inexcedivel, e é uma honra para o nosso paiz.

Fechou este espectaculo encantador, uma farça em verso de Eduardo Garrido, que tem pilhas de graça, que fez rir ha muitos annos, e em que Antonio Pedro e Emilia Candida, mantem ainda hoje o publico em constante hilaridade.

E depois d'este *successo* enorme de um espectaculo original primorossissimo, uma nota desconsoladora.

O *successo* louco da primeira noite, de que havia todo o direito a esperar, uma serie enorme de enchentes, *n'a pas eu d'enfants*.

Esse espectaculo esplendido não conseguiu uma noite sequer encher o theatro que o *Drama no fundo do mar* encheu tantas noites, o que quer simplesmente dizer, que se esse espectaculo, foi uma gloria para a litteratura e para a arte portugueza, a falta de enchentes é uma vergonha deploravel para o publico de Lisboa.

Está já a ensaios de orchestra no theatro de S. Carlos a opera *Lauriane* do illustre maestro portuguez Augusto Machado. A opera sobe á scena nos primeiros dias de março.

Desempenham-n'a os mais notaveis cantores da companhia, que dizem, todos elles maravilhas da opera portugueza, que a critica de Marselha tanto victoriou, collocando o nosso illustre compatriota entre Leo Deslebes e Massenet.

Essa noite será com certeza uma noite de festa nacional no theatro de S. Carlos, a consagração de mais uma gloria portugueza.

*Gervasio Lobato.*

# AS NOSSAS GRAVURAS

## DR. AUGUSTO FILIPPE SIMÕES

Um dos mais lamentaveis desastres que podiam succeder á sciencia e lettras portuguezas acaba de pôr termo á existencia de um dos seus cultores mais serios, conscienciosos e prestantes.

O dr. Augusto Filippe Simões, lente da faculdade de medicina na Universidade de Coimbra, apparecera morto por estrangulação em um subterraneo, inferior á salla dos capellos da mesma Universidade, no dia 1.º do corrente mez.

O infeliz cathedratico era um homem de trato lhano, muito delicado, prestadio a todos, mas fora do commercio dos amigos ou conhecidos, em que um ligeiro sorriso adoçava as suas feições, o seu viver era como que solitario, o seu aspecto um tanto taciturno e hypocondriaco.

E, comtudo, desde que entrara no mundo pela porta da sciencia, se a sua existencia não se podia dizer esmaltada pelo orvalho de uma aurea felicidade, o que é entre nós condão mais peculiar das inutilidades e bufonerias, tambem não se póde taxar de infortunosa.

Apenas formado, obtivera logo uma collocação medica no concelho de Goes, onde exerceu a clinica de 1860 a 1862; n'este ultimo anno alcançara posição consentanea ás suas inclinações, sendo nomeado professor no Lyceu de Evora, e no immediato bibliothecario da bibliotheca publica d'esta cidade. No meio dos livros, e em uma cidade tão favoravel aos estudos archeologicos, entregou-se a elles com affecto, sizudez e talento.

Dez annos se conservou o illustre professor n'aquella cidade e situação, empregados no cultivo das lettras e sciencia.

Ahi publicou o seguinte: primeiro um *Relatorio acerca da bibliotheca publica de Evora, dirigido ao ministerio do Reino*, impresso na *Folha do Sul*, jornal que redigiu nos annos de 1864 e 1865, e no qual deixou importantes traços da sua direcção intelligente.

*Cartas da Beira-Mar*, Coimbra, na Imprensa da Universidade, 1867, 8.º de 321 pag. livro da vulgarisação scientifica, feita por um modo tão ameno, e com tanta seriedade, que leva a palma a muitos de igual natureza que nos vem de França, abundantes de palavras, e não poucas vezes pullulando de inexactidões.

*A invenção dos aerostados revindicada. Exame critico das noticias e documentos concernentes ás tentativas aeronauticas de Bartholomeu Lourenço de Gusmão (com duas gravuras)... Evora, typographia da Folha do Sul — 2, Rua de S. Mamede, 1868. — 8.º de 116 paginas, mais uma de indice, e outra de erros.* D'este importante opusculo, fructo de muita averiguação e estudo, devemos o conhecimento ao nosso desventurado amigo, que nos presenteara havia ainda poucos mezes com certos exemplares, dos quaes enviamos alguns para França, e de que fizemos menção a pag. 182 do nosso 6.º volume.

*Relatorio acerca da restauração Cenaculo, dirigido ao Ex.mo Sr. Visconde da Esperança, presidente da Camara Municipal de Evora*, publicado tambem na *Folha do Sul* em 1869.

*Reforma da Instrucção secundaria. Parecer apresentado ao conselho do Lyceu Nacional de Evora*, publicado no mesmo anno na Typographia Lisbonense.

*Reliquias da architectura bysantina em Portugal, e particularmente na cidade de Coimbra*, Typographia Portugueza, Lisboa, 1870. — Esta importantissima obra é considerada como o documento mais valioso da capacidade e conhecimentos archeologicos do prestante professor.

*Relatorio da Santa Casa da Misericordia de Evora, pela commissão dissolvida em 19 de janeiro de 1872. Impresso á custa da commissão.*

N'este anno doutorou-se Filippe Simões na faculdade de medicina, volvendo então definitivamente a Coimbra, onde successivamente foi nomeado substituto e cathedratico.

Não é porem esta carreira, apesar de brilhante, egualmente animada pelos meios que podem desviar a alma de quaesquer sombras que a deixem succumbir.

Effectivamente depois d'este periodo, Filippe Simões não só publicou obras importantes, como a *Introducção á archeologia da Peninsula*, notavel trabalho, que apesar de alguns defeitos, não pode deixar de ser consultado com proveito, e outras dissertações e trabalhos scientificos, mas representou dignamente a Universidade em Leyde, quando em 1873 a d'esta cidade celebrou o terceiro centenario da sua creação, e fez parte de varias commissões, como a que tratou da Reforma da Academia das Bellas Artes e creação do respectivo museu, e a da *Exposição retrospectiva de arte ornamental hespanhola e portugueza*, celebrada em Lisboa em 1882 e de que foi secretario. Os serviços prestados por essa occasião pelo intelligente professor são importantissimos. Vivia no proprio palacio da Exposição para não perder um momento. De dia e de noite alli estava. Foi seu quasi todo o trabalho da catalogação, e se a exposição apresentou mais o aspecto de um rico bazar, do que o de um certamen de estudo disposto e classificado convenientemente, sem attenção á belleza do effeito, mas á utilidade d'aquelle, não foi culpa sua; ainda assim tal qual ordem introduzida n'essa insensata disposição, foi devida a elle.

Por essa occasião nos contou algumas anedoctas succedidas entre elle e varios personagens, muito interessantes, e que demonstravam a falta de comprehensão d'elles, do que é uma exposição.

Foi este o ultimo serviço revelante de Filippe Simões. Não dizemos bem. Na exposição que ora se celebra em Coimbra, da Industria Districtal, ainda os prestou e valiosos, cabendo-lhe a honra de inaugurar as conferencias d'ella, por uma ácerca da esculptura em Coimbra no seculo XV, em que patenteou os enormes recursos da sua erudição e do seu talento.

Mas este cerebro ricamente dotado tinha um defeito, uma sombra. Esse defeito era hereditario. O pae de Filippe Simões morrera afogado no Mondego, precipitando-se da ponte abaixo; um tio, tivera fim analogo e o desventurado professor no dia em que se suicidou visitára varios sitios mais queridos da cidade, e estivera algum tempo debruçado na ponte como que a comtemplar o sitio, onde seu pae se afogara.

Uma pequena difficuldade financeira, de nenhuma gravidade, bastou a despertar o germen fatal que se escondia n'aquelle cerebro doentio.

Descance em paz o desventurado amigo, que honrou o nosso periodico com a sua collaboração, e a quem escreve estas linhas com distinctos favores e provas de affecto. E já que nem nós, nem os seus amigos podemos reparar tão grande perda, honremos como podemos a memoria d'este homem sebio, honrado e infeliz.

A pag. 154 do nosso 5.º volume, já apresentámos outros dados biographicos que completam estes.

## O DR. VICTORINO DE LA PLAZA, MINISTRO DA FAZENDA E DOS NEGOCIOS ESTRANGEIROS DA REPUBLICA ARGENTINA (1).

Nasceu o dr. Victorino de la Plaza, na provincia de Salta, igualmente berço de nobres guerreiros, distinctos litteratos e jurisconsultos.

Matriculou-se em 1861 no Collegio Nacional da Conceição do Uruguay, entre cujos alumnos foi um dos mais distintos, ainda mesmo quando circumstancias de fortuna o obrigaram por si proprio a angariar os meios de se sustentar, tanto physica como intellectualmente, conseguiu completar os seus estudos preparatorios, em menos tempo do que o prescripto nos respectivos programmas.

(1) Tanto esta biographia como a do general Julio Roca, presidente da mesma republica, publicada em o n.º 1 4 de 21 de outubro do anno passado, são devidas á iniciativa e collaboração officiosa do nosso amigo sr. José da Cunha Porto, consul geral d'aquella Republica em Portugal.

Fazemos esta declaração a fim de desfazer qualquer má interpretação a este respeito, como já succedeu ao illustrado jornal *La Tribuna Nacional* que se publica em Buenos-Ayres, que attribuiu a outra procedencia aquella publicação.

Em seguida passou para Buenos-Ayres, onde na aula de philosophia conservou os creditos de primeiro estudante, anteriormente adquiridos, obtendo de um dos examinadores a seguinte apreciação do seu acto: — «Não estou a examinar, conferenceio com um philosopho consumado.» — Se houvesse uma classificação superior á de distincto, dal-a-hia a Plaza.

Factos posteriores vieram confirmar tão justa apreciação.

Referimos-nos ao brilhante logar que desempenhou como lente d'esta cadeira desde 1870 a 1875.

Como estudante de direito o seu diploma de advogado apresenta a honrosissima distincção de ter merecido em todos os actos a maior classificação.

Entretanto declara-se a guerra contra o Paraguay e um dos estudantes que mais promptamente se apresentam para a defesa da patria é Plaza, que se alista no regimento d'artilheria.

O mau estado de sua saude, obriga-o porém, em resultado das rudes fadigas de soldado, a regressar á capital e a continuar os seus estudos interrompidos.

Em 1868, pouco antes de doutor em jurisprudencia, collabora na grande obra do Codigo Civil vigente na qualidade de secretario do dr. Velez Sarsfield.

Foi-lhe confiada em 1871, em collaboração com o dr. F. Gonzalez, a redacção do projecto para a lei de organisação de Jury e Codigo do Processo Criminal, por cujo trabalho recusou patrioticamente o valioso estipendio que lhe foi offerecido pelo governo.

Como advogado os creditos do dr. La Plaza estão firmados sobre muitas e importantes causas, que tem defendido com exito e brilhantismo.

Em 1875, foi nomeado para desempenhar o difficil cargo de procurador do Thesouro Nacional.

A competencia que demonstrou no desempenho de todas as missões que lhe haviam sido confiadas, levou, o então presidente da Republica, dr. Avellaneda a convidal-o para a pasta da fazenda no momento em que a crise financeira exigia um homem superior para a resolver.

E tal foi a maneira como o novo ministro se desempenhou da sua difficil tarefa que mereceu a approvação de todos, tanto amigos como inimigos, nacionaes e extrangeiros.

O proprio *Times*, foi um dos jornaes que registrou a competencia financeira do dr. Plaza.

Entre os seus valiosos trabalhos, deve-se-lhe a carta organica do Banco Nacional e o emprestimo com o Banco da Provincia, em cuja defesa tomou parte activa como deputado nacional pela sua provincia eleito em 1880.

É tambem seu, como presidente da commissão de fasenda, o projecto de lei sobre a unificação da moeda.

A saída do dr. Trigoyen, do Ministerio, motivou a transferencia do dr. Plaza para a pasta dos negocios extrangeiros, logar que tem desempenhado até hoje.

Actualmente, tendo apresentado o dr. Romero, a sua renuncia á Fazenda, foi o dr. Plaza convidado pelo general Julio Roca, presidente da Republica a geril-a interinamente, acceitando em seguida a nomeação definitiva.

Este facto foi acolhido com a maxima satisfação em todo o paiz, que assim o manifestou expontaneamente em todos os seus orgãos de publicidade.

A imprensa extrangeira é tambem unanime em reconhecer no dr. Plaza o estadista, cujo nome é bastante para assegurar uma nova garantia em favor da nação, pelos seus especiaes conhecimentos financeiros que virão dar novo vigor ao bom conceito e credito que justamente gosa em todo o mundo.

Não tardará muito que os factos justifiquem o que toda a Republica espera do seu actual Ministro da Fazenda.

*José da Cunha Porto.*

## MOSTEIRO DE PAÇO DE SOUSA

Já a pag. 14 do presente volume no artigo relativo ao caminho de ferro do Douro fez o nosso distincto collaborador o sr. M. M. Rodrigues uma curta, mas importante referencia ao celebre mosteiro de Paço de Sousa, que hoje representamos em as nossas gravuras de pag. 45. Por isso pouco accrescentamos.

O mosteiro de Paço de Sousa, de monges benedictinos, foi fundado no anno de 960 por D. Tructezindo Guedes, neto de D. Arnaldo de Bayão, tronco, segundo os genealogicos, dos Azevedos e outras muitas familias.

O nome de Paço de Sousa, vem-lhe do solar d'aquelle fidalgo que existia junto ao mosteiro.

Pelos annos de 1050 nasceu n'este paço o celebre Egas Moniz, aio de D. Affonso Henriques, cujo tumulo, ou antes, os seus, restos, são o monumento mais historicamente curioso, d'aquelle venerando edificio.

A egreja do mosteiro foi sagrada em 1088 pelo arcebispo de Braga D. Pedro, antecessor de S. Giraldo.

Como se vê o edificio é bysantino, mas o portal acha-se mascarado por um alpendre cercado de columnas. O portal é veneravel e de estilo puro, e em face da egreja fica o bellissimo cruzeiro formado por tres degraus circulares que sustentam um grosso pilar, sobre o qual assenta uma robusta mas elegante cruz bysantina.

Do tumulo de Egas Moniz já falou o que baste, o nosso illustrado collaborador já referido; não esquecendo porém que este famoso varão, uma das figuras lendarias menos duvidosas da nossa historia, foi casado quatro vezes, tendo numerosa descendencia das suas quatro mulheres, D. Dordia, D. Dorothea, D. Maria Onoriques, e D. Thereza Affonso, dando por ella origem, á maior parte da nobreza do reino, ou entroncando-se n'ella.

Em 1386 fez D. João I doação de Baltar, *Paço de Sousa* e Penafiel ao seu partidario João Rodrigues Pereira, ou porque tivesse cessado a linha dos antigos senhores, ou porque tivessem seguido o partido de D. Beatriz, filha de D. Fernando I.

De então para cá os abbades e monges trataram só de estragar as obras feitas na egreja e a traslação successiva dos tumulos de uns logares para outros, causaram não poucos prejuizos a tão respeitavel templo.

Declarado hoje monumento nacional, ousamos esperar que uma restauração conscienciosa remedeie n'elle os estragos do tempo e dos homens.

Devemos á obsequiosa offerta do sr. Joaquim Basto, a photographia que serviu de original á nossa gravura, favor que egualmente nos fizera com a de Leça de Bailio, publicada a pag. 28 do presente volume.

## TUMULO DA INFANTA D. CATHARINA

Fazendo-se ha poucos mezes umas escavações no terreno pretencente outr'ora ao convento de S. Eloi (vulgo dos Loios), e onde hoje se acha alojada a 5.ª companhia da Guarda Municipal de Lisboa, para alargamento do quartel d'ella, achou-se proximo ao angulo de uma larga quadra, que parece ter sido claustro um sarcofago de marmore na face do qual se lia a seguinte inscripção:

AQUI IAZ A INFANTE D. CN.ª Fª DELREY D. DUARTE. E DA RAI NHA D. LEONOR. NETA DELREY D. IOÃO • 1.º • IRMÃ DEL REY D. Aº• 5º TIA DELREY D. IOÃO 2º• AQUAL • ESTANDO DESPOZA DA • COM CARLOS PRINCIPE DE NAVARRA • E ARAGÃO ' E COM DUARTE 4º REY DINGLATERRA • SEM SE EFFEITUAR • ALGUM DOS CAZAMENTOS FALLECEO • DE 27 ANNOS • SEXTA FEIRA 17 DE IUNHO • ANNO DE 1463

A infanta D. Catharina, filha, como diz a inscripção, d'el-rei D. Duarte, figura muito notavelmente na historia litteraria de Portugal, como seu pae, tios e sobrinho. Nasceu a 25 de novembro de 1436, e foi instruida pelo celebre D. Jorge da Costa, conhecido nos annaes do paiz pela designação do *cardeal d'Alpedrinha*, sua patria.

Não tendo tido effeito os casamentos propostos e contratados para a infanta, recolheu-se ella ao mosteiro de Santa Clara d'esta cidade, sem professar, e onde, segundo é de presumir, entreteve os seus ocios, traduzindo do latim o livro de S. Lourenço Justiniano, *Regra da perfeição da vida monastica*, de que ha duas edições.

Falleceu de um pleuriz a 17 de junho de 1463, deixando por seu testamenteiro o referido D. Jorge da Costa, ao qual incumbiu a fizesse sepultar onde lhe parecesse.

Em 1284 havia o bispo de Lisboa, D. Domingos Jardo, fundado um hospital de Santo Eloy, no sitio onde depois se erigiu o mosteiro, e por irregularidades na sua administração foi esta entregue pelo infante D. Pedro, quando regente durante a menoridade de D. Affonso V, á congregação de S. João Evangelista. Na sua egreja, e em uma capella, fundada pelo referido D. Jorge e por D. Affonso V, foi a infanta sepultada, vindo o seu corpo do convento de Santa Clara.

Em 1474, segundo a chronica, lhe fez D. Jorge, construir o tumulo, onde recolheu os ossos da infanta dentro de um sacco de seda azul. Diz-se que é este o sarcofago agora encontrado, o que nos não parece pelo caracter da lettra e ortographia.

Tendo-se no seculo XVII movido duvidas, sobre o local da sepultura da infanta, por auctorisação do nuncio Jorge Cornaro, foi esta procurada na egreja velha, — andava-se então construindo a nova, — sendo encontrada tal como a fizera erguer D. Jorge.

É muito natural que fosse então collocada no sitio onde agora se encontrou.

Em 1755 tendo sido destruido o convento dos Loios pelo terramoto do 1.º de novembro, foram trasladados os restos da infanta D. Catharina para o convento do Beato Antonio. É este o motivo por que o tumulo agora encontrado os não continha.

O tumulo, bem como uma fonte, achavam-se cobertos por algum entulho, cuja altura não era inferior a tres metros.

A nossa gravura representa este sarcofago que, aliás, nada tinha de notavel.

## O CENTENARIO
DA
# INVENÇÃO DOS AEROSTATOS EM FRANÇA
E O SEU INVENTOR
### PADRE BARTHOLOMEU LOURENÇO DE GUSMÃO

(Continuado do n.º 131)

Apenas chegado a Lisboa, e em vista das singulares aptidões que até ahi havia mostrado nos negocios forenses, foi enviado a Roma, afim de negociar duas Bullas que a côrte portugueza impetrava, uma do serviço da patriarchal e outra das quartas partes dos bispados.

Chegou e começando, com a actividade e agudeza que o seu genio lhe permittia, a tratar d'este assumpto, entraram, segundo o estillo da curia romana a mover-lhe embaraços e demoras, pelos equivocos e falta de percepção das intenções de D. João V, nos que solicitavam este negocio.

Bartholomeu Lourenço, bem quereria talvez usar do seu natural talento, mas a sua qualidade de ecclesiastico, impedia-o de poder tratar na curia romana com aquella liberdade e vigor com que outro qualquer agente, que não tivesse a mesma pea das ordens, o poderia fazer.

Conhecendo a côrte portugueza este embaraço, mandou em auxilio de Bartholomeu Lourenço, seu irmão mais novo Alexandre de Gusmão, que havia annos entrára a servir na carreira politica, e pouco tempo antes havia sido nomeado para ir assistir com os embaixadores ao congresso de Cambray. Partiu Alexandre de Gusmão com instrucções claras e esclarecimentos sobre as intenções da côrte portugueza, ordenando-se-lhe que alli residisse dois mezes para esse fim.

Tem-se dito que Bartholomeu Lourenço se houve com pouca felicidade n'aquella conjunctura, mas a intelligencia que damos ás palavras do proprio Alexandre de Gusmão, na petição ou memorial de seus serviços, dirigida ao rei em 1750, parece-nos ser a unica plausivel.

São pois as palavras do celebre ministro:

«N'este mesmo tempo se negociavam em Roma duas Bullas do serviço da patriarchal e das quartas partes dos bispados com muitas demoras e equivocações, por falta de verdadeira percepção das intenções de Vossa Magestade, nos que solicitavam aquellas graças: pelo que julgou Vossa Magestade necessario mandar tratar d'ellas quem tivesse bem comprehendido o que Vossa Magestade desejava. E como por ser Bartholomeu Lourenço, irmão do Supplicante, quem lidava n'aquelles negocios, e Vossa Magestade se havia dignado de admittir o Supplicante ao mesmo trabalho, cahiu a Real eleição de Vossa Magestade sobre o Supplicante, ordenando-lhe fosse estar em Roma dois mezes, que Vossa Magestade reputava bastantes para se concluirem as ditas expedições, e que acabadas ellas voltasse para o seu destino de Cambray.»

Vê-se pois que a ida de Alexandre Gusmão a Roma, cuja partida deve ter sido pouco posterior ao dia 26 de agosto de 1720, em que se lhe concedeu fazer em Lisboa as provanças para receber o habito de Christo, por estar de partida, foi por que estando a tratar do negocio das Bullas no reino e tendo de partir para Cambray, era muito mais breve e mais facil, ir explicar as duvidas a Roma, do que por meio da correspondencia, que muitas causas podiam demorar e até impedir.

É assim que nós vemos D. João V, fazer mercês ao Padre Bartholomeu Lourenço, dando-se por bem servido d'elle.

Instituida n'esse anno a Real Academia de Historia por decreto de 8 de dezembro, vemos que Bartholomeu Lourenco, foi um dos escolhidos para a formarem, achando-se de volta a Portugal já então, porque já o vemos fazer algumas perguntas na sessão de 22 d'esse mez e anno, da nascente academia.

(Continúa)

*Brito Rebello.*

# O MOSTEIRO DE AROUCA

(Continuado do n.º 183)

## IV

### O MOSTEIRO

A par da prosperidade economica e material do convento havia-se desenvolvido tambem o mais fervoroso e mais perfeito cultivo das grandes maximas christãs, florejando em varias santas creaturas, que, tocadas do ruidoso exemplo da rainha, iam professar em Arouca, obstinadas em imital-a, e após uma vida insigne, toda entregue ao praticar constante da virtude, finavam-se deixando de si sagrada memoria. Direi de duas sómente, as mais notaveis por seus effeitos milagrosos, para não cançar a attenção de quem acaso lê estas paginas.

A primeira, Santa Espinella, era de nobre geração, e de não pequeno valimento no céo, como se prova pelo seguinte: Nascêra a uma religiosa, por nome Antonia de Escovar, um grande inchaço na barriga, *e a modo de um olho de pescada,* no qual, *por ser o lugar melindroso e exquisita a nascida,* não quizeram os medicos pôr mão; e chegou a estado a pobre freira de já quasi não poder fallar, nem comer, vendo-se a pique de perder a vida. Lembrou-se então de tomar por intercessora a santa, e indo-se-lhe ao sepulchro pediu, uma e mais noites, com sentidas lagrimas remedio ao seu mal; e como um dia adormecesse após muito supplicar, appareceu-lhe a santa vestida de branco, e animando-a com carinho, disse-lhe que depois de accordar olhasse debaixo da sepultura, que lá acharia um unguento capaz de lhe dar a saude. Na verdade, a enferma ali achou um papel branco, contendo um unguento branco tambem, de cheiro suavissimo, *mas tão subtil, que se não podia distinguir bem o que fôsse;* e pondo-o com toda a devoção requerida, no mesmo instante o tumor desappareceu! O precioso medicamento perdeu-se por desgraça, porque a monja, de puro alvoroçada pelo contentamento da cura, se esqueceu de guardal-o.

D'este assombroso milagre, bem como dos anteriores que relatei por succedidos ás freiras Leytoa e Barros, deprehendo que o mosteiro tinha particular virtude para a obliteração de tumores. Era classificado de *reductor* na pharmacopeia celestial. Aviso aos escrophulosos. Demandem Arouca, que ainda talvez hoje se possa com um poucochinho de bôa fé extrahir-lhe das milagrosas ossadas o unguento salutar.

A segunda santa das creadas em Arouca, que me propuz citar, D. Isabel de Castro, principiou por nascer maravilhosamente. Estando sua mãe muito mal e quasi á morte por occasião do parto, invocou o favor de Christo e dos apostolos S. Simão e S Judas. Estes deram prova d'uma requintada amabilidade para com a afflicta senhora, vindo logo sob a forma

Dr. Victorino de La Plaza

CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES — Ponte de Ferreira, no Caminho de Ferro do Douro (Segundo uma photographia de Biel)
Vid. artigo em publicação "Caminho de Ferro do Douro„

de dois bons velhos de barba branca e bordão; e depois de entrarem até junto á enferma, não sem grande reluctancia da familia, disseram-lhe quem eram e *pondo-lhe as mãos sobre o ventre*, no mesmo instante deu á luz uma menina, *sem sentir payxão nem dôr algua*, e d'ahi a poucas horas levantava-se da cama, escorreita e sã. A pequena sahiu com vocação para o claustro, e foi religiosa muito respeitada e querida. Dava saude aos enfermos *só com pôr-lhes as mãos;* e dizia que tão portentosa virtude *lhe nascia dos padrinhos.*

Cada anno eram celebradas pomposamente as exequias da rainha santa, com todas as formalidades seguidas no seculo XIII, a respeito das rainhas de Hespanha, sem exceptuar a exhibição da corôa e do sceptro real. É curiosissima a seguinte clausula da esportula que se pagava aos frades, que vinham a Arouca tomar parte em tão imponente festividade. *Todo o padre que quizesse assistir ao anniversario, quer do valle quer de fóra, dar-se-lhe-hia um tostão em dinheiro, um prato pequeno de ovos reaes, outro de tremoços, outro com uma queijada, um biscoito e uma talhada de pão leve, uma caixa pequena de marmellada, um prato de trutas, cinco pães de trigo, cada um com quatro pontas, um savel e tres canadas de vinho. Mais na vespera um convite de todo o referido.* Os padres accoriam sempre bastos e gulosos; e em 1720 conseguiram as freiras acabar com tal usança, que não pouco lhes delapidava os haveres.

PORTA PRINCIPAL DA EGREJA DE PAÇO DE SOUSA (Esboço do natural de M. de Macedo)

Excepcionalmente pomposas e solemnes foram as festas com que o mosteiro celebrou a canonisação da santa, em 1792. Compareceu n'ellas o bispo de Lamego com todo o cabido e comitiva, vieram representantes de quasi todos os mosteiros e bispados do reino, e a despeza feita com ellas ascendeu á importante cifra de 19:845$435 rs. Vi no cartorio o rol por parcellas d'essa despeza, do qual transcrevo as verbas seguintes, que achei mais curiosas:

Despeza em uma cruz que se deu ao Bispo de Lamego, relogios, meias de seda, relicarios de oiro e pedras, bolsas, caixõesinhos, ramos, teias de panno de linho, e no convite

MOSTEIRO DO PAÇO DE SOUSA (Segundo uma photographia de Joaquim Basto)

PROPRIEDADE DO MUNICIPIO DE LISBOA

| | |
|---|---|
| de todos os soldados, criados do Bispo, ministro, creados e creadas e convidados para servir áquella funcção, e com os gallegos do andor | 695$615 |
| Despeza na armação de toda a Igreja, casa do Bispo e jantar | 325$200 |
| D. no importe do tumulo, incluindo risco e conducção | 3:359$385 |
| D. em cêra para a festa da Igreja, casas do jantar e de todos os hospedes | 309$600 |
| D. com o cosinheiro | 1:400$000 |
| D em limões, limas, laranjas e cerejas | 102$460 |
| D. em noticiar ao gazeteiro a funcção da Rainha Santa | 12$000 |
| D. em lenha | 70$400 |
| D. com musica | 408$800 |
| D. no orgão, afinação do dito e solfas | 42$110 |
| D. em Roma com a beatificação da Santa Rainha e em ordenados do Postulador, letrados, Breve do S.mo Padre, festa que lá se fez, portes de cartas, declaração do rito, reza e algumas remunerações | 4:188$600 |
| D. para illuminações e creados | 50$960 |
| D. em bois, vitellas, carneiros, gallinhas, linguas, leitões, patos, pombos, perus, prezuntos, toucinhos e paios, peixe fresco e bacalhau, assucar, arroz, amendoas, manteiga e ovos, macarrão e cevadinha, letria, leite, erva dôce, mostrarda, queijos, chocolate, café, roque, cerveja, especies de toda a qualidade e hortaliças | 2:436$895 |
| D. em vinho e vinagre | 291$450 |

Correu animada a festança por espaço de uma semana; e ainda hoje existe no sitio uma velhita, que foi contemporanea d'ella, então creança.

No seculo XVI soffreu a magestosa fabrica do edificio um incendio, que pouco a damnificou; porém dois seculos mais tarde, em 22 de fevereiro de 1725, foi então pasto de uma lastimosa e horrivel devastação pelas chammas, que o reduziu todo a cinzas, exceptuando a igreja e um lanço novo de dormitorio, abobadado. Lavrou por então ingente o panico entre as filhas do Senhor; muitas sahiram para a rua semi-nuas, completamente desorientadas pela horrorosa perspectiva de uma cremação imminente. E a sua credula imaginação, poderosamente sacudida por esta catastrophe tremenda, julgou vêr a protectora do mosteiro, a santa Mafalda, acercando-se a protegel-as sollicita, se bem que já tarde bastante. *Por occasião do fogo appareceu de bordão na mão, como soia quando viva, e fazendo o signal da cruz na enfermaria e côro, as chammas retrocederam* (1).

Foi tal a incendio, segundo Antonio Brandão, permittido por Deus *talvez em castigo de alguns discuydos*. Faz pena que o efficaz soccorro da santa baixasse tão tardio.

Novamente edificado o convento, com a largueza do edificio anterior, que era irregular e caprichoso, ganhou sobre este a vantagem da unidade no aspecto e da regularidade nas proporções. Foi filho d'essa reedificação o mosteiro actual, que no extremo oeste de Arouca se levanta pesado, grandioso e frio, como a maior parte das producções architectonicas do seculo passado entre nós. A esse tempo a arte nacional, estrangulada pelo fanatismo, depauperada pela dissolução dos costumes, avexada de fresco pelo dominio hespanhol, sem norte, sem estimulos, sem ensinamento, sem ideal, não sabia produzir mais que construcções macissas, achatadas e soturnas, accusando na sua inalteravel symetria a imaginação desazada dos architectos, e na preponderancia das linhas horisontaes as suas tacanhas aspirações. O mosteiro de Arouca, tristonho, estupido e mudo, nasceu d'um d'esses laborissos e abortivos partos artisticos, ha cem annos por toda a peninsula frequentes, e entre nós os unicos a registrar. O sr. Pinho Leal reporta a sua construcção ao seculo XVI! Myopia de dois seculos, — que desgraça!

O actual mosteiro de Arouca não ostenta primores de architectura porque em demasia o devamos louvar; filia-se na ordem toscana, e forma um vasto edificio quadrangular, medindo com aproximação 9:000 metros quadrados e orientado sensivelmente pelos quatro pontos cardeaes. Queira o leitor reportar-se á gravura que representa a ermida de S. Bartholomeu, matriz da villa, e em cujo fundo se ergue victoriosa e encimada por modesta capella a enorme protuberancia conica de N. S.ª da Mó, que juntamente com um contraforte da serra da Freita fecha o valle pelo nascente: á direita d'essa gravura, se ella para alli se prolongasse, ver-se-hia representada a face do mosteiro que olha para o norte, a qual tem a respeitavel extensão de 100 metros e se desenvolve n'um plano perpendicular ao do campanrrio da ermida. A extensão d'esta face é occupada pela igreja e côro respectivo. Muito caiada e limpa, é toda cortada a espaços em largas riscas anegradas por grossas pilastras toscanas de granito, entre cujos intervallos se abrem umas desgraciosas frestas, em *aza de cesto*, destinadas a allumiar o templo. A unica porta d'este para o exterior é tambem aberta no intervalla entre duas pilastras.

A ala do poente do edificio, perpendicular á anterior e extensa de 90 metros, está negra e comida dos vendavaes impellidos do oceano; consta de dois pavimentos, afóra o terreo, todos abertos em amplas janellas rectangulares, opprimidas por grossa gradaria de ferro, e é flanqueada por dois pequenos torreões quadrangulares. N'ella se abre, ao centro, a portaria do mosteiro. As outras duas faces da pesada mole deitam para a cêrca e dependencias, e defrontam com as aprumadas cumieiras da serra da Freita, que do alto da sua aridez a contemplam severas e ameaçadoras. O terreiro do convento, por igual vasto e bem medido, é formado pela face occidental do edificio, (a da portaria); por um braço do mesmo, tambem no estylo toscano de architectura, onde se alojam os celleiros, que é servido por uma sumptuosa escadaria, e pega a angulo recto com o torreão meridional d'aquella face; por uma serie de edificações mais somenos, que correm perpendicularmente ao celleiro para o norte, constituindo a casa de hospedagem para padres e commensaes do mosteiro; e finalmente por um elevado muro, prolongamento da fachada septentrional do edificio, que vem casar-se com o extremo norte da hospedaria, e é interrompido ao centro por um ancho portal de ferro fundido.

(Continúa) *Abel Acacio.*

(1) *Chronica de Cister.* — Liv. 6.º, cap. XXXVI.

# O TERCEIRO SALÃO

(Continuado do n.º 183)

## I

N'esta exposição houve, nos ultimos dias, uma ruidosa novidade, — o quadro de Antonio Ramalho intitulado *Chez mon voisin*, que figurou em Paris no *salon* de maio passado. O visinho é um pacifico lanterneiro que trabalha, sentado e sujo, na sua loja alegremente allumiada por uma extensa vidraça, que corre á esquerda até ao fundo, — onde uma rapariguita, a filha do operario, sentada a uma banca, pende attentamente sobre um livro aberto a cabeça espécada nos braços. Se a uma fria consanguinidade imparcial é permittida uma opinião livre, digo que o quadro agrada-me plenamente, e tenho felizmente commigo o côro de rasgados applausos que a critica franceza lhe fez; o paysagista aqui tão conhecido saltou bruscamente para um bello quadro de genero, um interior laborioso, em que pôz a encantadora e sonora nota da sua sinceridade triumphante, sem deixar de mostrar uma vez mais, — porque o assumpto lh'o consentia, — todo o seu meridional amor da luz e da côr. Com o seu vigoroso desenho enchendo o quadro, a figura do lanterneiro é valentemente pintada, ao passo que ha detalhes admiravelmente observados — e dados: complicados jogos de sombras no chão, uns vidros coloridos postos contra a luz e que são realmente transparentes, um avivado brazido em que uma pessoa tem desejos de pôr o dedo, para se pelar n'um encantado sacrificio á arte... É, decididamente, um quadro bem notavel e bem original, — e olhem que este meu juizo fraterno vae encontrar-se, por exemplo, com o do estranho Ed. About.

## II

São agora os artistas que considero feitos, embora não escalem a eminencia de mestres, e áparte a natural evolução que cada um insensivelmente vae fazendo dia a dia, trabalhado pela idéa da perfeição victoriosa.

Tenho para mim assentemente que prestam um mau serviço a Malhôa os que afivelam ao seu palpavel merecimento a designação coruscante de *illuminista;* esta perfida palavra enganadora, — cuja adaptação racional a um paysagista nem mesmo comprehendo, porque, pela minha parte, para allumiar qualquer trato de campo contento-me parcamente com o bom sol do ceu, — póde conduzil-o ao peccado mortal de fantasiar systemas novos de derramar luz sobre as paysagens, a seu capricho e conveniencia, n'um tresloucado desprezo da magnificente illuminação cada dia renovada ahi n'esse grande espaço, e notoriamente cahida da prodigiosa lanterna do *fiat* divino. Creio que acorrentado lisongeadamente á dita palavra cavillosa e oca, Malhôa entregou-se á preoccupação ingrata de a bem servir, condescendencia sem altivez cujo resultado é uma pintura quasi theatral, intimamente ligada com a scenographia fallaciosa, — proporções guardadas; e essa corrente d'estranho illuminismo vago e traiçoeiro em que o seu temperamento impetuoso se compraz, deixando-se ir n'uma fluctuação airada, com perigo de qualquer dia não podêr já sobrenadar, — torna-o atabalhoado e violento nas suas obras, onde abunda deploravelmente a habilidade e falta a sinceridade, a bella flôr humilde cujo raro perfume, idealmente, alimenta a arte.

A paleta domina este artista como um deslumbramento, e n'ella o seu pincel desvaira-se, apressa-se, n'uma vertigem, e sae sempre ensopado em côres d'uma crueza viva e cantante; depois, na téla, ao esfregar-se em gordos toques ainda vae febricitante, e atropella aqui e acolá as fórmas das cousas, perdendo-lhes o desenho, abafando-as — ou então, exaggerando-as com vultos excepcionaes e um tanto phantasticos, dando-lhes realces singulares n'uma berraria de côr extreme; — e o conjuncto de cada quadro faz o effeito d'um desordenado côro wagneriano. Contraposições bruscas e forçadas de valentes tintas claras e de esbatidos tons escurentados, eis, quanto a mim, o que simplificadamente póde dar idéa do processo por demais celere e vigoroso d'este artista; do que resulta uma pintura sem harmonia e verdadeiramente fraudulenta, — porque perverte a um tempo a natureza retratada e o talento real do pintor. De resto, Malhôa não se preoccupa com a côr local: vê-se, por exemplo, n'um seu quadro tomado em Aveiro uma excellente mulherzinha que em vez de caracteristicamente vestir um costume vulgar e denegridamente grosseiro de varina, está galantemente entrudada n'uns garridos trajos vermelhentos, como se fosse uma napolitana ou, nacionalisando, uma boa camponeza das cercanias de Vianna em plena romaria ou feira ruidosa. Procurou e achou, n'este como em quasi todos os detalhes, uma nota alegre, bonita, vistosa e brincalhona; mas isso que promptamente attrae o philistino, como um farrapo côr de sangue provoca um touro, entristece e desgosta naturalmente os delicados e os sinceros. — De observar a pintura de Malhôa, solida apezar de estouvada, saimos famintos de verdade.

Certamente, este artista tem quadros magnificos — aquelles em que é justo, repousado e correcto; mas ás vezes deixa tambem de ser o colorista estoura-vergas, — porventura sympathico na sua brutal robustez, — e pretende apiegar-se, fazer-se ternamente sereno e fino em boccados de pintura d'um bucolismo sorridente e amaneirado, — como uma paysagem minha conhecida em que ha limpidas aguas mansas, cerrados arvoredos e um luminoso ceu largo, todos ordeiramente unidos n'uma conformidade de tons verdoengos quasi commovente e bastante poetica. Nos estudos de figura que agora apresentou, mostra-se igualmente amaneirado querendo ser elegante.

Mas o talento de Malhôa é manifesto, e por vezes, até nas falsidades luxuosas e turbulentas da sua pintura se revela; no dia em que elle souber pôl-o nobremente ao unico serviço da verdade, adquirirá sem duvida o direito galardoador d'entrar na fila dos nossos pintores bons. Porque mesmo, actualmente, as proprias más linguas desavergonhadas acham maneira de bordar azedos commentarios sobre as intenções dubias e reconditas do artista; e uma vez me segredaram ellas, velhacamente, que o ideal d'elle seria talvez atravancar toda uma parede do salão com um variegado batalhão de quadros, que fizessem galhardamente continencia, de côres em grita, ao pataco macambuzio e renitente do visitante!

Deixem lá, o commerciosinho é um adoravel e ignobil Moloch a que todos voluntariamente sacrificam. Até o sr. Pinto, artista de curto folego, não cuidou de concentrar a sua laboriosidade apreciavel na factura de meia duzia de toleraveis quadros, e provavelmente fascinado pela aurea venda appetitosa desmandou-se n'uma fecundidade extraordinaria, expondo vinte ou mais telas que não passam de ser insignificantes e tristonhas na sua mesquinhez profunda, que em vão quer apparentar alegres larguezas senhoras de si. Por indole, Pinto é um trabalhador moroso, e nos seus quadros acanhados e ronceiros apenas se escolhem alguns bons pedaços de côr verdadeira, ainda que fria e massada; é indubitavelmente pratico nas cousas de perspectiva, mas não possue a sciencia dos valôres, definitiva em pintura, e d'isso lhe resulta fatalmente uma incorrigivel monotonia na sua maneira indecisa e timida, que vacilla constantemen-

te em frente do assumpto deparado, não o observando com franqueza no seu conjuncto pittoresco e harmonico, e perdendo-se na miseria de seguir passo a passo todos os detalhes desnorteadores, n'uma paciente minucia tenaz e insomniaca, — de chinez rotundo e nostalgico, passando de papo arriba, um santo dia inteiro a desenhar n'uma casca de laranja, com um fino ossito de andorinha, microscopicos arabescos indecifraveis.

Assim, temos um pintor sem temperamento, mas dado a uma maravilhosa applicação obstinada, e gosando, pela pratica, momentos passageiros de fortuna em que consegue ser desembaraçado no toque e sincero na côr.

Gyrão continua a explorar astuciosamente as suas dilectas capoeiras. E' um pintor nervoso, impaciente, humorista, e vagamente lunatico; uma vez, aborda o assumpto exotico d'um grande quadro em que, no meio do seu rebanho de boas amigas emplumadas, um gallo cioso tem um legitimo sobresalto ao avistar outro gallo no seu horisonte amoroso, — e a isto dá o titulo de *Rival á vista!;* outra vez, é tambem um gallo tantalisado que se estorcega n'um caniçado para apanhar, sobre uma folha, um caracol infelizmente longinquo! Mas a curiosidade do assumpto nem sempre amortece os defeitos de factura; quando é rapido e, póde-se quasi dizer, inspirado, embriagado pela vivacidade da sua idéa, Gyrão pinta gallinaceos tafues com uma certeza perfeita que lhes dá vida, e mesmo n'uns coelhos este anno apresentados revelou como sabe surprehender nos animaes o seu caracter especial, o aspecto typico da sua natureza animada e inquieta; porém se deixa de ser franco e de pincelar vivamente n'uma segurança pujante, a sua maneira amesquinha-se desde logo, e pela traição das télas infelizes ficamos sabendo que o pintor tem na sua capoeira alguns habitantes — empalhados, e fulgurantemente vestidos de miudas pennas metallicas.

As paysagens de Gyrão desagradam-me absolutamente; são cruas e duras, de má execução e de mau gosto. Tem, especialisando, umas cearas de alourados trigos que parecem feitas com palitos sobre latão, ingenuamente; ao passo que os verdejantes arvoredos teem o ar de meticulosamente recortados em papel, e em seguida pintalgados com propriedade e limpeza. Não tenham medo que os pardaes lá vão pousar.

Os trabalhos de aguarella expostos pelo sr. Figueiredo deixam-me frio; não lhes acho arte nem graça, o que é bastante para concomitantemente se me afigurarem despidos de interesse.

Quanto ao sr. Martins, é um humilde que não sáe da sua obscuridade estreita; faz pacificamente uns inoffensivos quadrinnos de genero que algumas pessoas, por affinidade de gosto, compram; mas é sympathico porque, ao menos, não pretende sequer espreitar insolentemente por baixo da camisa ermetica e severa da grande Arte, limitando-se a olhal-a tristemente de longe, n'um encolhimento resignado.

(Continúa) *Monteiro Ramalho.*

## RESENHA NOTICIOSA

Perigrinação a Roma. Foi imponentissima esta manifestação nacional. Como já se disse, para evitar os transtornos do alojamento, tinham-se dividido as provincias e cidades por turnos. No dia 9 de janeiro a cerimonia realisou-se na melhor ordem, se bem que com alguma confusão. No dia 15 não foi menos notavel, mas mais bem organisada. O catafalco levantado no Phanteon em honra de Victor Manuel, segundo o desenho do architecto Monteverde era magestoso e digno de admiração.

A multidão era tão compacta no templo, que apenas havia tempo de olhar, porque os guardas e os municipaes obrigavam os visitantes a seguir afim de evitar grande aglomeração. A quantidade de corôas depositadas sobre o catafalco eleva-se a algumas centenas, e amontoadas umas sobre as outras attingem uma altura de mais de tres metros. A maior parte são compostas de flores frescas, espalhando no templo um perfume delicioso.

O bom tempo e as musicas chegadas a Roma, influiam a animação que se notava, e algumas vezes a passagem no Corso era difficil. O desfilar dos perigrinos no dia 15 não durou menos de tres horas. O cortejo entrava por uma porta no Pantheon, desfilava deante do tumulo, onde se depositavam as corôas, e tornejava o catafalco, para sahir por outra porta. Era um espectaculo encantador nas ruas pela variedade dos trages; os applausos, as aclamações eram estrondosas, em alguns pontos esta manifestação tomou o caracter de uma ovação extraordinaria. Rompia o cortejo por uns arautos, trazendo uma corôa com as cores da cidade, seguia-se a camara municipal, o conselho central da perigrinação, com a sua bandeira; logo apoz os bombeiros de Roma, com varias bandeiras da cidade e de outras partes da peninsula: as bandeiras da colonia de Marselha eram ricas, as de Mantua muito bonitas.

A musica de Alexandria obteve um triumpho; o uniforme da de Catanea causou admiração; era magnifica a corôa de Parma; bellas as de Vicencia; o grupo de Palermo esplendido e a sua musica animada. Os perigrinos da Romania obtiveram uma acclamação estraordinaria. Ouvia-se: «Viva a Romania», «Viva Forli», a que respondiam: «Viva Roma». No dia 16 era o officio funebre feito pela familia real.

Marrocos e a França. Não se póde negar que esta potencia faz ha tempos um trabalho de sapa, que de quando em quando apparece á luz do dia, em todos os paizes do norte de Africa, e ainda para o interior, arredando, ou querendo arredar de quando em quando, qualquer potencia que lhe possa causar transtorno, como a Italia de Tunes, Portugal do Congo etc., parando ou retraindo-se encontra algum vulto mais forte ou mais velhaco, como no Egypto, onde cedeu á Inglaterra. Assentada na Argelia estendeu o braço direito para Tunes, que está quasi agarrado, é questão de tempo.

Agora começa a estender o braço esquerdo para Marrocos. Lá apparece agora um viajante, de que ninguem ouvira fallar, a reclamar por umas offensas que lhe fizeram; ao mesmo tempo participam de Tanger, que o scherife de Uazan se naturalisou francez, no 1.º de janeiro, na legação de França, e que mais dois chefes marroquinos se declaram em favor da nacionalidade franceza. Que fazem os descuidados que nos governam, com relação a Marrocos?

Tratámos já largamente este assumpto e não cessaremos de fallar n'elle: *Vox clamantis in deserto*

Princeza de Mongiolino. Era uma formosissima dama, a joven princeza Estephania, filha do principe de Cassara, Pedro Stella, já fallecido. Nascera a 27 de janeiro de 1861, e havia desposado a 19 de novembro de 1882, D. José, ultimo filho do principe D. Marco-Antonio Borghese. A gentil princeza contando pouco mais de um anno de casada, e vinte e dois de edade, falleceu no dia 6 de janeiro ultimo. Foi muito sentida esta perda, pela boa sociedade romana, e pelos pobres de Roma, a quem a princeza e sua familia fazem muito bem.

Loteria a favor dos jornalistas. Em consequencia de um pedido dirigido pelos syndicos da *Associação dos jornalistas republicanos,* de Paris ao sr. Waldeck-Rousseau, ministro da republica, foi por este concedida auctorisação, para a referida sociedade poder fazer uma loteria da quantia de cinco milhões de francos, cerca, de novecentos contos de réis, afim de poder constituir um fundo de soccorros. Com certeza é lançar um alicerce gigantesco.

A republica franceza e a monarchia portugueza. Havendo Monsenhor Guibert, bispo de Bordeos, escripto, que se podia ser republicano e catholico ao mesmo tempo, Monsenhor Freppel escreveu, como que em resposta, que se não podia ser catholico e republicano. Até aqui, muito bem. Mas um periodico republicano francez commentando o facto, diz que o reverendo Freppel teve mais fortuna que os bispos allemães, porisso que ao cardeal Lédahowski, não foi mister dizer tanto para ser exilado.

Bonita lição de liberdade e tolerancia.

Ainda accrescenta o periodico, que monsenhor Freppel se aproveita do silencio da constituição relativo á fórma do governo; mas quando se tiver effectuado a revisão d'ella, monsenhor Freppel poderá muito bem arranjar dois annos de prisão *em uma praça de guerra.*

A analyse e ameaça poderão ser muito republicanas, mas não são nada liberaes.

Que differença de modo de pensar entre os partidarios da fórma do governo existente em França e em Portugal! Porisso nos dizia ha bem pouco tempo, um estrangeiro que reside em França ha bem vinte annos, que o mais elevado aristocrata portuguez é mais democrata, que o mais réfece republicano francez que tenha alguma fortuna.

Estrangdiros no Brazil.. O *Messager du Brésil,* jornal francez muito valente e muito bem redigido que se publica no Rio de Janeiro, acaba de emprehender uma vigorosa campanha, contra as iniquidades e negação de justiça, de que tem sido victimas os estrangeiros residentes no Brazil, por parte do Governo. O que prova ter razão o redactor do *Messager du Brésil,* é ter-lhe a auctoridade respondido por uma advertencia, adubada com uma ameaça de expulsão. E isto o que se lê em um periodico francez.

Adubo agricola. Descobriram-se ha pouco tempo na Patagonia importantes jazigos de phosphoguano. Parabens aos que trabalham a terra.

Vinhos de Italia. O rei Humberto afim de animar a producção vinicula na Italia decidiu que, tanto nos banquetes officiaes, como nos jantares da côrte, só fossem servidos d'ora avante vinhos italianos. Apenas se faz excepção do champagne. Assim já no jantar offerecido por aquelle monarcha, domingo 10 do corrente, ás mesas do senado e da camara dos deputados se serviu o *stradella* em logar do *sauterne* e do *Chablis,* o *malvasia* e *muscatel,* em vez do *vinho do Rheno,* e o *brolio* e *alta collina* em substituição do *Bordeos.*

O exemplo do rei foi seguido pelo ex-khediva do Egypto Ismail-pachá.

E nós que temos tanta variedade de deliciosos vinhos, como nenhum outro paiz, não deixaremos de consumir as taes limonadas francezas?

Lingua azteque. O reverendo Damato Soho, padre jesuita, residente em Concordia, na America, achou uma chave da escriptura azteque, o que é importante para os estudos archeologicos.

Marinha allemã. O almirantado allemão adoptou ultimamente um novo projecto relativo ao augmento das forças navaes do imperio. Decidiu-se concentrar todos os esforços da marinha no desenvolvimento dos torpedos e barcos torpedeiros. Para o fim de dotar o imperio com forças navaes novas, será pedido ao Reichstag um credito especial de cerca de trinta e um mil e quinhentos contos de réis!

Por meio d'estes creditos extraordinarios de quando em quando, póde manter-se um exercito annualmente com pouca despeza.

## PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Bibliotheca do povo e das escolas — David Corazzi, editor. — Estão publicados os n.os 68, *Pratica de escripturação;* n.º 69, *O Livro do Natal;* n.º 70, *Historia natural dos peixes;* n.º 71, *Magnetismo;* n.º 72, *O vidro.* Como se vê, alguns d'estes livrinhos são o desinvolvimento de partes de tratados já anteriormente publicados, e uns e outros vão completando esta encyclopedia de conhecimentos, que tem derramado por entre as classes, que não podem frequentar as escolas, muitas noções uteis e necessarias.

As grandes epocas da historia universal, por Z. Consiglieri Pedroso (vej. os nossos n.os 160, 165, 167, 177, a pag. 128, 168, 184 e 264 do vol. anterior). Conclue-se n'este fasciculo a 8.ª conferencia e começa-se a 9.ª com qual fecha a vista de olhos lançada sobre a historia do antigo oriente. Sobre a importancia d'este trabalho, cuja publicação vae um pouco demorada, remettemos os leitores ao que dissemos nos artigos supra mencionados.

Elementos para a historia do municipio de Lisboa — Temos em diversos numeros do nosso periodico, feito menção condigna d'esta publicação, que vem pôr ao alcance de todos muitos subsidios importantes, não só para a historia do primeiro municipio do paiz, mas por isso mesmo, para a historia politica, social e administrativa do mesmo paiz. No fasciculo 20, que temos presente continua-se com o extracto de documentos do archivo, todos elles de muita curiosidade e interesse.

Bulletin de la société franco-hispano-portugaise de Toulouse (vej. pag. 32 do presente volume). É o n.º 3 do tomo IV, e comprehende além do extracto das actas das sessões da sociedade, os seguintes artigos: *Le cyclone du 29 octobre 1882, à Manilla,* pelo sr. Clemente Sipière, acompanhado dos respectivos traçados graphicos para conhecimento das phases do phenomeno meteorologico; *Le mouvement littéraire dans l'Amerique espagnole,* pelo sr. M. A. Meulemans; *Des origines du premier duché d'Aquitaine, par mr. Cl. Perroud, compte-rendu* pelo sr. Henrique Dumeril.

Les Affaires Espagnoles, hispano-coloniales, Portugaises, et sud-Américains, periodico que se publica a 5 de cada mez; escriptorios em Paris, rue de la Victoire, 41; Madrid, calle de las Veneras, 5. — O n.º 2 do 4.º anno, relativo a 5 do corrente mez.

Les Matinées espagnoles, nouvelle revue internationale européenne, par M. le Baron Stock. — Escriptorios em Madrid, calle Montalban, 2; em Paris, rue Logelbach, 5. — Temos presente os seguintes n.os: 1.º do 3.º volume relativo a 15 de janeiro do corrente anno, comprehendendo: *Une scène à Florence au XV.ème,* por Emilio Castelar; *Le 8.ème peché capital,* pela sr.ª M. L. de Rute;

*Les illuminations crépusculaires,* por Camille Flamarion; *Courrier de Trieste,* por C. Loretz; *de Paris,* por C. Delaville; *de Bruxelles,* por Erlenköng, *de Lisbonne,* por G. Torrezão; *Bulletin de l'exterieur,* por André Borrego; *financier de Paris,* por Colbert; *Lettres d'Egypte,* por M. Ortega Morejon; *Le marquis de Sardoal, esquisse biographique,* com retrato; *Le parlement espagnol,* por L. R.; *Les orphelines d'Ischia, au palais Montanban;* Bibliographia e a continuação das traducções do *Primo Basilio* d'Eça de Queiroz, e da *Historia do Estabelecimento da Inquisição em Portugal,* por A. Herculano.—E os 2.º e 3.º do 1.º e 7 do corrente mez, comprehendendo: *Le banquet d'anniversaire des Matinées espagnoles —Discours d'Emilio Castelar e du baron Stock; L'amour de Marie, nouvelle; Une idée pratique,* Ignotus; *A Isabel Roma Ratazzi,* poesia, por M. del Palacio; *L'ame des choses,* por Peregrine; *Les donneurs de conseils et les demandeurs d'avis,* por M. de R. — *De ci de là* (chronica de Madrid); *Le 8.ème péché capital; Bulletin de l'exterieur,* Ribera, *financier de Paris,* Colbert; — *Courrier de Paris, de Lisbonne,* pelos mesmos acima; *Le parlement espagnol,* L. R.; *Emilia Pardo Bazán, silhouette;* — e a continuação da traducção das obras referidas no numero antecedente.

As Ascensões Celebres ás mais altas montanhas do globo, etc., por Zurcher e Margollé, versão de Emygdio d'Oliveira, Magalhães & Moniz editores, Porto.

Este livro tem 368 paginas em 8.º e é illustrado com 39 gravuras. Pertence á «Bibliotheca das Maravilhas» editada pelos srs. Magalhães & Moniz com o primor com que estes srs. fazem todas as suas edições. O livro é muito curioso e instructivo pois insere fragmentos de viagens que tem todo o interesse para o leitor.

Lyricas e Bucolicas, por Antonio Feijó, Magalhães & Moniz editores, Porto. É um delicioso livro de versos, em que o seu auctor revela mais uma vez o seu reconhecido talento de poeta.

O Instituto, Revista Scientifica e Litteraria, vol. xxxi, Novembro de 1883, segunda serie, n.º 5. Coimbra. Os artigos do *Instituto* são sempre escolhidos e do mais alto interesse litterario e scientifico.

Relatorio da Directoria do Gabinete Portuguez de Leitura, no Rio de Janeiro. É bem conhecida esta importante instituição portugueza no Rio de Janeiro, e o seu relatorio de 1882, que temos presente, affirma os grandes progressos e beneficios que tem prestado á causa da civilisação.

O *Gabinete Portuguez de Leitura* é uma das maiores glorias dos portuguezes no Brazil e que deve encher de orgulho Portugal. Os documentos que o referido relatorio contém são dos mais honrosos para esta sociedade e mostram o seu progressivo desenvolvimento. O livro é de uma primorosa execução typographica.

Galileo, *Biographias dos homens celebres dos tempos antigos e modernos,* etc. David Corazzi editor, Lisboa. É o n.º 2 d'esta interessante galeria que o sr. Corazzi está publicando com grande applauso publico, e que se torna credora do melhor acolhimento, tanto pela perfeição com que é feita como pelo seu limitado preço.

Les fêtes en Portugal, *inauguration du chemin de fer de la Beira-Alta; Voyage de la famille royale, notes et souvenirs de voyage,* par B. Wolowski; *Paris E. Dentu, editeur; Librairie de la Société des gens de lettres, Palais Royal, 15, 17, 19, Galerie d'Orléans, 1883.* — 16.º francez de 216 paginas, precedidas de rosto, estampa representando uma vista geral de Lisboa, *avant-propos,* dedicatoria e titulo. — O sr. Wolowski, antigo viajante que tem percorrido a França, a Italia, a Austria, a Hungria, a Polonia, a Rumania, a Servia, a Grecia, a Turquia, e o Egypto, veiu a Portugal com a intenção de continuar os seus estudos sobre os diversos povos. Deparou-se-lhe então um facto importante, *a inauguração do caminho de ferro da Beira,* o que não acontece todos os dias, e aproveitando o ensejo, poude estudar a indole do nosso povo e examinar tudo o que de bom e de desagradavel se experimenta em taes occasiões. Viu o enthusiasmo das povoações, o respeito que se presta no paiz ao chefe do estado e a sua familia, e experimentou a boa vontade de todos para fazerem bom gasalhado aos estrangeiros. Mais reconhecido do que outros estrangeiros, das suas impressões tomou notas que soltou aos ventos da publicidade, e não seremos nós que nos zangaremos de nos apresentar á Europa por uma maneira tão lisongeira. Em todo o caso devemos reconhecer a alma generosa do emigrado polaco, que nada depende de nós, e agradecer o quanto de justiça e o tanto de favor com que nos trata e estima. Não estamos tão fartos de amigos lá fóra, que não nos agrade contar mais um.

Tumulo da Infanta D. Catharina, encontrado nas escavações do convento dos Loios

(Desenho do natural de Macedo e Christino)

## SONETO CHARADA

O cantor dos varões assignalados
Impunhando de Homero a tuba fina,
Invoca assim, Caliope divina,
Em ternos, meigos sons, mas elevados — 1.

Tal Vasconcellos lhe partilha os brados
Porque Marte, o furor lhe infunde e o ensina
A por em fuga, ferros, morte e ruina,
Crueis inimigos de furor armados — 1.

Outro mais alto som lá fende os ares,
Ecco mil vezes o vae reclamando,
E elle resoa na terra, e nos mares — 2.

Recorda Acteon triste e mizerando
Cujo cadaver por crueis azares
Roto, dilacerado, o está mostrando.

M. F. Gomes.

Explicação da charada do n.º antecedente: Lobrigo.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

Typographia Elzeviriana — Lisboa

CAPAS PARA ENCADERNAÇÃO
DO
OCCIDENTE

Já estão promptas e á venda capas para encadernação do 6.º volume.

Tambem ha capas para os volumes 1.º, 2.º, 3.º, 4.º e 5.º

Preço, 800 réis (franco de porte)

A Empreza encarrega-se de fazer encadernações n'estas capas por 1$200 réis, incluindo a capa.

GABINETE DE LEITURA
ROMANCES ILLUSTRADOS DE TODAS AS NAÇÕES
SEMANARIO DAS FAMILIAS
50 RÉIS — CADA SEMANA — 50 RÉIS
Em Lisboa e nas Provincias

Este semanario publica romances escolhidos nacionaes e traduzidos de todas as litteraturas conhecidas.

TRADUCÇÕES DOS MELHORES ESCRIPTORES PORTUGUEZES

Illustrações de Manuel de Macedo

Recebem-se assignaturas em casa dos editores Caetano Alberto & Faro, Rua Oriental do Passeio, 8 a 20, e na EMPREZA DO OCCIDENTE, Rua das Chagas, 42.

Para as provincias podem-se fazer assignaturas por séries de 13 numeros — 650 réis.